

# Construções de grau e intervalos

Rui Marques

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

## 1. Introdução

Nesta comunicação, considerarei uma questão central na semântica de construções de grau: a de saber se o significado destas construções pode ser descrito tendo por base uma ontologia envolvendo graus ou se é necessário considerar também intervalos. Ambas as perspectivas assumem que os adjectivos graduáveis denotam funções de objectos para uma escala a que estão associados. Por exemplo, o adjectivo *alto* denotará uma função que tem como domínio um conjunto de objectos ou indivíduos e como contradomínio a escala de altura, sendo a noção de escala formalizada nos seguintes termos:

- (1) "I will define a scale as a dense, linearly ordered set of points, or "degrees" where the ordering is relativized to a DIMENSION. [...] a dimension corresponds to a gradable property such as *height, length, speed, density, beauty, etc.*, and provides a means of differentiating one scale from another." (Kennedy 1997, 51-52)

Os graus correspondem a um ponto de uma escala, que pode ser referidos por unidades de medida, como '*n* centímetros', ou '*n* quilos', enquanto o termo 'intervalo' tem a seguinte definição:

- (2) "Let a *scale*  $S_\delta$  be defined as a dense, linearly ordered set of points along a dimension  $\delta$  which may have a minimal element but has no maximal element. [...] Since a scale is defined as sets of points, an *extent* on a scale can be defined as a nonempty, convex subset of the scale, i.e., a subset of  $S_\delta$  with the following property:  $\forall p_1, p_2 \in E \forall p_3 \in S_\delta [p_1 < p_3 < p_2 \rightarrow p_3 \in E]$ ." (*ib.*, 200)

Numa semântica de graus, (3), uma construção comparativa, será parafraseável por (4), enquanto numa semântica de intervalos, será parafraseável por (5):

- (3) O Paulo é mais alto do que a Ana (é).
- (4) O Paulo é alto num grau *g*, superior ao grau *g'* tal que a Ana é *g'*-alta.
- (5) O intervalo de altura do Paulo inclui o intervalo de altura da Ana.

No que respeita à construção (3), as duas hipóteses são equivalentes. No entanto, com base noutros dados, vários autores defendem a necessidade de serem consi-

derados intervalos e não apenas graus na análise semântica de construções de grau (cf. Seuren (1978), Bierwisch (1989), Kennedy (1997) ou Schwarzschild e Wilkinson (2002)). Ainda assim, uma vez que há construções que favorecem a consideração de uma ontologia de graus, avaliarei a hipótese de prescindir da consideração de intervalos na semântica de construções de grau.

## 2. Argumentos a favor de uma semântica de intervalos

Os principais argumentos apresentados na literatura a favor de uma semântica de intervalos são de dois tipos. O primeiro, apresentado por Schwarzschild e Wilkinson (2002), prende-se com o significado de construções como (6) e o segundo tipo de argumento com a semântica de adjetivos graduáveis antónimos.

(6) O Paulo é mais alto do que todos os colegas dele.

Quanto ao primeiro argumento, compreende-se a razão pela qual construções como (6) são problemáticas para uma semântica de graus quando comparadas com construções como (7), em que ocorre uma descrição definida:

(7) O Paulo é mais alto do que a Ana.

De acordo com as análises tradicionais que consideram uma semântica de graus, o significado de (7) é captado por (8):

(8) O Paulo é alto num grau  $g$ , superior ao grau  $g'$  tal que a Ana é  $g'$ -alta.

Se (6) tiver a mesma análise, o seu significado será (9):

(9) O Paulo é alto num grau  $g$ , superior ao grau  $g'$  tal que todos os colegas dele são  $g'$ -altos.

Esta paráfrase não capta o significado de (6). (9) indica apenas que o Paulo é mais alto do que a altura comum a todos os seus colegas, pelo que será verdadeira desde que o Paulo seja mais alto do que o mais baixo dos colegas dele. Assim, para captar o significado de (6), é necessário postular uma regra que atribua escopo largo ao sintagma *todos os colegas dele*, por forma a obter-se a paráfrase (10):

(10) O Paulo é alto num grau  $g$  e para todo o  $x$ , tal que  $x$  é colega do Paulo, existe um grau  $g'$  inferior a  $g$  e  $x$  é  $g'$ -alto.

No entanto, são reconhecidos na literatura vários contra-argumentos à existência de uma regra que desloque obrigatoriamente o quantificador, como observado, por exemplo, por Schwarzschild e Wilkinson (2002) ou Beil (1997). Os primeiros

destes autores propõem uma semântica de intervalos que, no caso da frase (6) – *o Paulo é mais alto do que todos os colegas dele* –, leva a que seja considerado o intervalo da escala de altura em que são projectados todos os colegas do Paulo, sendo a frase interpretada como indicando que a altura do Paulo se situa num ponto superior a esse intervalo. Assim, construções comparativas que envolvem a comparação de mais de dois indivíduos relativamente a uma propriedade são problemáticas para as análises tradicionais em termos de graus, mas não para uma semântica de intervalos.

Quanto aos outros argumentos apresentados na literatura a favor da consideração de uma semântica de intervalos, dizem respeito ao significado de adjectivos graduáveis antónimos, tais como os pares *alto / baixo*, *rápido / lento*, *pesado / leve* ou *comprido / curto*. Os primeiros membros destes pares são designados na literatura por ‘adjectivos positivos’, enquanto os seus antónimos são ‘adjectivos negativos’. Pelo menos desde Bierwisch (1988) é reconhecido que os adjectivos positivos se distinguem dos negativos por, em línguas como o inglês, poderem coocorrer com sintagmas de medida, contrariamente aos adjectivos negativos, e por terem propriedades de monotonia inversas dos adjectivos negativos. Os exemplos que se seguem ilustram cada uma dessas características:

- (11) a. Bill is five feet tall.  
 b. # Bill is five feet short.
- (12) a. É fácil encontrar animais selvagens nesta zona.  
 ⇒ É fácil encontrar animais nesta zona.  
 b. É fácil encontrar animais nesta zona.  
 \*⇒ É fácil encontrar animais selvagens nesta zona.
- (13) a. É difícil encontrar animais nesta zona.  
 ⇒ É difícil encontrar animais selvagens nesta zona.  
 b. É difícil encontrar animais selvagens nesta zona.  
 \*⇒ É difícil encontrar animais nesta zona.

Tem sido assumido que o facto de os adjectivos positivos gerarem um contexto de monotonia crescente enquanto os adjectivos negativos geram um contexto de monotonia decrescente explica a possibilidade de ocorrerem itens de polaridade negativa no escopo de adjectivos negativos, mas não no escopo de adjectivos positivos:

- (14) a. It's difficult for Tim to admit that he has ever been wrong.  
 b. \*It's easy for Tim to admit that he has ever been wrong.

Uma outra questão relacionada com pares de adjectivos antónimos diz respeito à estranheza de construções como (15), que Kennedy (1997) classifica como envolvendo ‘cross-polar anomaly’:

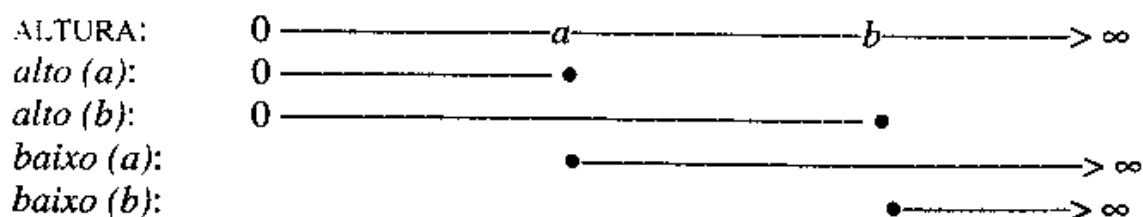
- (15) #O Paulo é mais alto do que a Ana é baixa.

Este tipo de construção distingue-se de construções como (16), classificadas como 'construções de comparação de desvio'.

(16) O Paulo é mais alto do que baixo.

Neste último tipo de construção, são considerados dois graus que identificam valores padrão, no caso, o valor padrão de (indivíduo) alto e o de (indivíduo) baixo, e compara-se o desvio em relação a cada um desses graus. Ou seja, a frase (16) indica que a altura do Paulo está mais próxima do valor padrão de pessoa alta do que do valor padrão de pessoa baixa. Quanto à construção (15), não tem esta interpretação, envolvendo antes a comparação do grau de altura do Paulo com o grau de altura da Ana.

Kennedy (1997) apresenta uma semântica, baseada em intervalos e não em graus, que permite explicar a anomalia de construções como (15), bem como o diferente comportamento de adjectivos positivos e negativos no que respeita a propriedades de monotonia e à possibilidade de ocorrerem com expressões de medida, como '*n feet*', em línguas como o inglês. Central à sua proposta é a distinção entre intervalos positivos e intervalos negativos. Simplificadamente, a ideia básica é a de que os membros de pares de adjectivos antónimos estão associados a diferentes intervalos da mesma escala. Tomando como exemplo os adjectivos *alto* e *baixo*, ambos estão associados à escala de altura, mas o primeiro identifica a altura que um indivíduo tem e o segundo a altura que não tem. Mais concretamente, o adjectivo *alto* denotará uma função que aplicada a um indivíduo o projecta num intervalo da escala de altura que tem como limite inferior o ponto zero, ao passo que o adjectivo *baixo* denota uma função que projecta o mesmo indivíduo no intervalo complementar. Assim, se forem considerados dois indivíduos, *a* e *b*, tais que *b* é mais alto do que *a*, a situação será a que é descrita no esquema que se segue:



Nesta situação, a frase (18a), abaixo, é verdadeira, uma vez que o adjectivo *alto* denota uma função que projecta o indivíduo *b* num intervalo que inclui aquele em que é projectado o indivíduo *a*.

- (18) a. *b* é mais alto do que *a*.  
 b. *a* é mais baixo do que *b*.  
 c. #*b* é mais alto do que *b* é baixo.

Do mesmo modo, a frase (18b) é verdadeira, já que o adjectivo *baixo* projecta o indivíduo *a* num intervalo que inclui o intervalo em que é projectado o indivíduo *b*. Quanto a (18c), será uma construção anómala porque não há uma relação de inclusão entre os dois intervalos considerados. Deste modo, a anomalia deste tipo de construção é explicada nos mesmos termos que a anomalia de construções como (19):

(19) #O Paulo é mais alto do que novo.

Construções como esta também serão anómalas por não existir uma relação de inclusão entre os dois intervalos considerados, embora neste caso seja por se tratar de intervalos de escalas diferentes e não de diferentes intervalos da mesma escala.

Esta semântica permite dar conta das outras diferenças entre adjectivos positivos e negativos que foram observadas. Quanto à impossibilidade de adjectivos negativos coocorrerem com sintagmas de medida, como mostram as construções (20), assumindo que este tipo de sintagmas denota um intervalo que tem como limite inferior o ponto zero, a anomalia de (20b) é explicada pelo facto de não existir uma relação de inclusão entre este intervalo e aquele em que o indivíduo Bill é projectado pelo adjectivo *tall*.

- (20) a. Bill is five feet tall.  
 b. # Bill is five feet short.

Quanto ao facto de adjectivos positivos e negativos terem propriedades de monotonia inversas, este decorre naturalmente da semântica proposta. As definições de monotonia estão indicadas em (21):

- (21) a. Uma função é monótona crescente sse:  $a < b \rightarrow f(a) < f(b)$   
 b. Uma função é monótona decrescente sse:  $a < b \rightarrow f(b) < f(a)$   
 (cf. Kennedy 1997, 229)

Pode-se verificar que os adjectivos positivos geram contextos de monotonia crescente enquanto os adjectivos negativos geram contextos de monotonia decrescente, uma vez que sempre que se verifica (22) verifica-se também (23) e (24):

- (22)  $[a < b]$  sse  $[(a \cap b = b) \wedge (a \neq b)]$   
 (23)  $alto(a) < alto(b)$   
 (24)  $baixo(b) < baixo(a)$

### 3. Construções que favorecem a consideração de uma semântica de graus

Os argumentos apresentados na secção anterior favorecem a consideração de uma semântica de intervalos na computação do significado de construções de grau. No entanto, há dados que, pelo menos intuitivamente, são mais facilmente descritos

por uma semântica de graus do que por uma semântica de intervalos. É o caso, por exemplo, de palavras como velocidade, rápido ou depressa, bem como de construções comparativas como (25):

(25) O Paulo tencionava chegar ao meio-dia, mas chegou (duas horas) mais tarde do que o previsto.

O significado de (25) envolve a consideração de pontos da escala do tempo, não de intervalos, sendo a frase parafraseável por (26):

(26) [...] o ponto em que o Paulo chegou é (duas horas) posterior ao ponto em que era previsto chegar.

Do mesmo modo, o significado de frases como (27) ou (28) é facilmente descritível se forem considerados pontos de uma escala, graus, sendo parafraseáveis, respectivamente, por (29) e (30), mas não é claro como possa ser descrito se não forem considerados pontos, mas apenas intervalos:

(27) O carro ia muito mais depressa do que é permitido.

(28) O Paulo foi mais rápido do que a Ana.

(29) O grau de velocidade a que o carro ia é muito superior ao grau de velocidade máximo que é permitido.

(30) O grau de velocidade do Paulo foi superior ao da Ana.

Perante estes dados, coloca-se a questão de saber se é necessária uma semântica que envolva a consideração de intervalos e de graus ou se, pelo contrário, podem ser considerados apenas intervalos ou apenas graus, o que simplificará a ontologia considerada. Uma vez que o significado de construções como (25), (27) ou (28) parece envolver necessariamente a identificação de pontos de uma escala, coloca-se de parte a hipótese de os graus serem eliminados, sendo considerados apenas intervalos, pelo que a questão se reduz a saber se a semântica de construções de grau tem de passar pela consideração de intervalos ou se é suficiente ter em conta apenas graus. É esta última hipótese que vou defender na secção que se segue, discutindo os argumentos apresentados acima a favor da consideração de uma semântica de intervalos.

#### **4. Podem os intervalos ser eliminados em construções de grau?**

Dos argumentos apresentados na literatura a favor de uma semântica de intervalos, um deles prende-se com construções comparativas que, aparentemente, envolvem a consideração de vários graus. É o caso de (31), que expressa uma comparação entre o grau de altura do Paulo e os graus de altura de várias outras pessoas.

(31) O Paulo é mais alto do que maioria dos colegas dele.

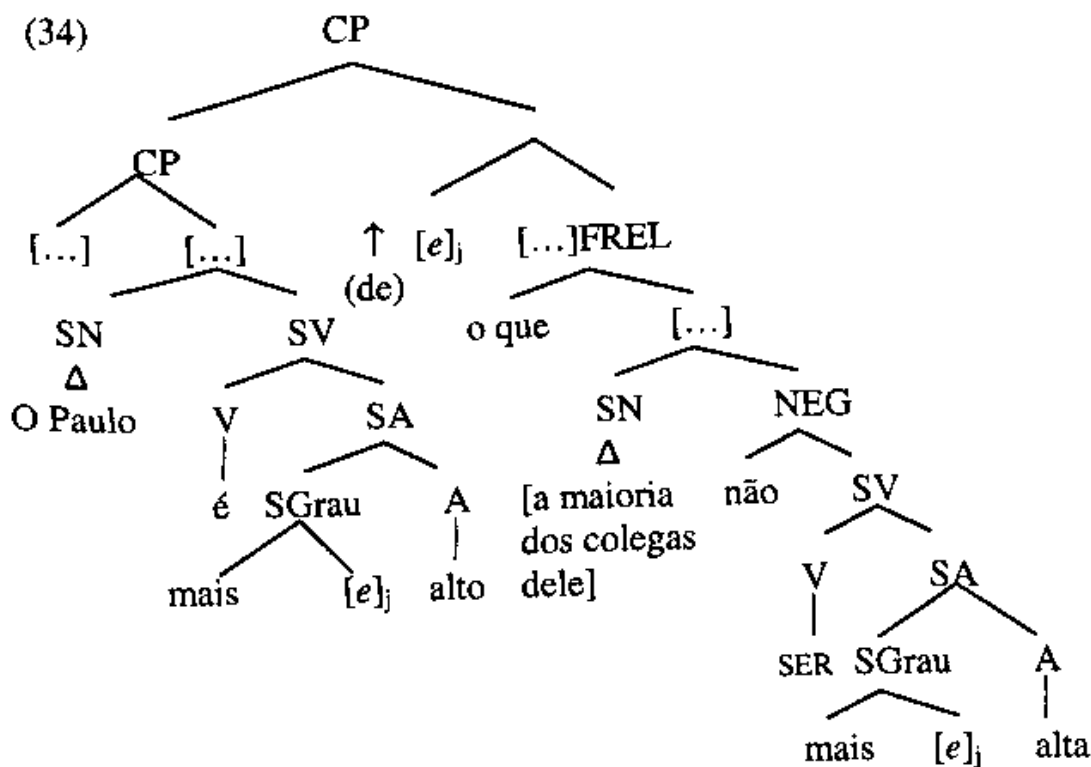
As condições de verdade desta frase não exigem que a maioria dos colegas do Paulo seja da mesma altura. A frase será verdadeira desde que o Paulo seja mais alto do que o mais alto de um dado conjunto de colegas dele. Como observado acima, as análises disponíveis em que se consideram graus, mas não intervalos, têm de assumir uma regra de elevação do quantificador, neste caso *a maioria dos colegas dele*, por forma a que seja obtida a seguinte paráfrase:

(32) Para a maioria dos colegas do Paulo existe um grau de altura  $g$ , tal que o Paulo é mais alto do que  $g$ .

Se o quantificador for interpretado *in situ*, a interpretação da frase será a que se segue, que não capta as suas condições de verdade:

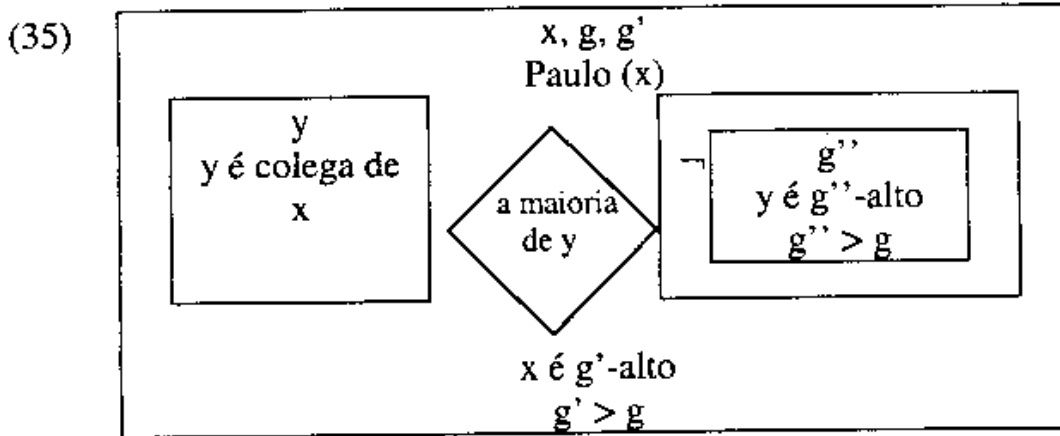
(33) O Paulo é mais alto do que um grau  $g$ , tal que a maioria dos colegas dele é  $g$ -alta.

O problema é que há contra-argumentos à existência de uma regra que atribua escopo largo ao quantificador. No entanto, creio que é possível dar conta do significado de construções como (31) numa semântica de graus sem assumir qualquer regra de inversão de relações de escopo. De acordo com a análise que apresento, a estrutura sintáctica de (31) que serve de *input* à interpretação semântica é a seguinte:



Subjacente a esta análise está a ideia de que a sequência *do que ...* constitui uma definição de um grau. Neste caso, a frase indica que o grau de altura do Paulo é superior a um grau que é definido pela sequência *(do) que a maioria dos colegas dele*, sequência que se aproxima de uma *Small Clause*, no sentido em que forma como que uma predicação sobre um constituinte, um grau de altura. A razão para considerar que a sequência está numa posição de adjunção a CP deve-se ao facto de, como observado por diversos autores (cf., por exemplo, Napoli (1983), Moltmann (1992), Hendriks (1995) ou Matos e Brito (2002)), existirem semelhanças entre construções comparativas e construções de coordenação, a mais evidente das quais se prende com a possibilidade de ocorrerem em construções comparativas elipses típicas de construções coordenadas.

A representação estrutural apresentada permite obter a DRS que se segue sem que seja feita qualquer inversão das relações de escopo que se observam na estrutura sintáctica.



Esta DRS indica que há um grau  $g$ , tal que o Paulo é mais alto do que  $g$  e a maioria dos seus colegas não são mais altos do que  $g$ . Ou seja, a frase indica que há um grau de altura que o Paulo ultrapassa e que a maioria dos seus colegas não ultrapassa. Assim, o grau de altura do Paulo é comparado com o grau máximo de altura que algum dos seus colegas atinge, o que não implica que todos eles tenham a mesma altura. Por conseguinte, o significado de construções comparativas como a que foi discutida pode ser captado por uma semântica de graus, sendo todos os constituintes interpretados *in situ*.

Posto isto, considerarei agora a semântica de adjetivos graduáveis antónimos, que, como ficou visto acima, é facilmente descrita por uma semântica de intervalos como a que Kennedy (1997) apresenta. Numa semântica de graus, os adjetivos positivos, como alto, fácil, rápido, entre outros, denotarão funções de indivíduos para escalas que têm limite inferior, mas não têm limite superior, como indicado em (36a), enquanto os seus antónimos denotarão funções de indivíduos para as escalas inversas, como indicado em (36b):

- (36) a.  $0 < g_1 < g_2 < g_3 < g_4 < g_5 < \dots < \infty$   
 b.  $\infty < \dots < g_5 < g_4 < g_3 < g_2 < g_1 < 0$



Assim, os dois membros de cada par de adjectivos antónimos estão associados à mesma escala (por exemplo, tanto o adjectivo *alto* como o adjectivo *baixo* estão associados à escala de altura), mas os graus são ordenados de forma inversa consoante sejam considerados adjectivos positivos ou negativos. O facto de estarem associados a escalas inversas explica porque é que têm propriedades de monotonia inversas, pelo que se pode dar conta das propriedades de monotonia dos adjectivos graduáveis também numa semântica de graus e não apenas numa semântica de intervalos.

Outra questão relativa a adjectivos graduáveis é a possibilidade de, em línguas como o inglês, os adjectivos positivos coocorrerem com sintagmas de medida, mas não os adjectivos negativos, como mostram as construções que se seguem:

- (37) a. John is five feet tall.  
 b. \*John is five feet short.

Este facto pode ser explicado no quadro de uma semântica de intervalos, como ficou visto acima, mas também o pode ser numa semântica de graus. Para tal, basta considerar que os sintagmas de medida, como '*n* feet' identificam um ponto de uma escala que mantém uma certa distância em relação ao limite inferior da escala. Uma vez que em escalas como (36b), o tipo de escala a que estão associados adjectivos negativos, não há limite inferior, as expressões não têm referência. Daí a impossibilidade de sintagmas de medida coocorrerem com adjectivos negativos.

Por último, há a considerar construções de 'cross-polar anomaly', como (38):

- (38) #O Paulo é mais alto do que a Ana é baixa.

Numa semântica de graus, o adjectivo *alto* está associado a uma escala com limite inferior mas sem limite superior, enquanto *baixo* está associado à escala inversa. Assim, imaginando que o Paulo tem 1,7 m de altura e a Ana mede 1,6 m, a frase (39) implica (40) e vice-versa, como se pode observar em (41):

(39) O Paulo é mais alto do que a Ana (é).

(40) A Ana é mais baixa do que o Paulo (é).

(41) a.  $0 < \dots < \dots < 1,6 \text{ m} < \dots < 1,7 \text{ m} < \dots < 1,8 \text{ m} < \dots < \infty$

↑

A

↓

↑

P

↓

b.  $0 > \dots > \dots > 1,6 \text{ m} > \dots > 1,7 \text{ m} > \dots > 1,8 \text{ m} > \dots > \infty$

O problema é que esta semântica não só não explica a anomalia de (38) – #*O Paulo é mais alto do que a Ana é baixa* – como prevê que esta construção seja equivalente a (39) ou (40). De facto, o adjectivo *alto* denotará uma função que projecta o indivíduo Paulo no grau 1,7 m, ou seja, identifica seu grau de altura, e o adjectivo *baixo* denota uma função que projecta a Ana no grau 1,6 m, pelo que (38),

tal como (39) e (40), assere que a altura do Paulo é superior à da Ana. Assim, uma semântica de graus não explica a anomalia de construções envolvendo 'cross-polar anomaly', como (38), contrariamente a uma semântica de intervalos<sup>1</sup>. Não obstante, a consideração de outros dados pode levar a questionar a assunção de que a anomalia de construções como (38) se deve a razões semânticas. É esta hipótese que explorarei seguidamente.

Uma vez que existem pares de antónimos que não pertencem à classe dos adjectivos, como é o caso, por exemplo, de pares como *depressa / devagar*, na classe dos advérbios, e de pares como *subir / descer*, na classe dos verbos, admitindo que a anomalia de construções como (38) se deve a razões semânticas, será de esperar que a mesma anomalia se manifeste quando são considerados outros pares de palavras graduáveis antónimas. No entanto, se bem que a anomalia se manifeste também quando com pares de advérbios graduáveis antónimos, como mostra (42), o mesmo não se verifica quando são considerados pares de verbos graduáveis antónimos, como em (43) ou (44):

- (42) #O Paulo correu mais depressa do que a Ana correu devagar.  
 (43) As acções desta empresa subiram mais do que as da sua concorrente directa desceram.  
 (44) A Ana emagreceu mais neste último mês do que engordou na gravidez.

Como ficou visto acima, uma semântica que considere intervalos positivos e negativos explica a anomalia de construções como (38) – #*O Paulo é mais alto do que a Ana é baixa* –, tal como explica a anomalia de construções como (42). Em ambos os casos, as construções serão anómalas porque adjectivos e advérbios positivos estão associados a intervalos diferentes dos seus antónimos, embora os dois tipos de intervalos pertençam à mesma escala, pelo que a intersecção dos dois intervalos considerados é o conjunto vazio.

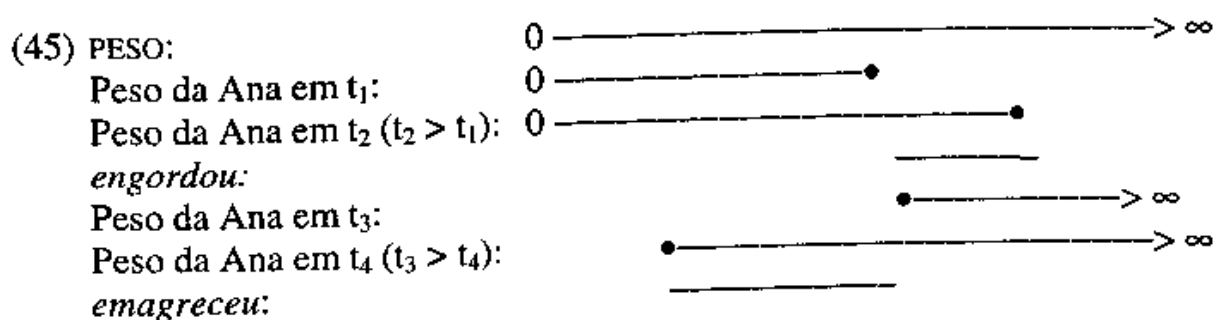
Considerando agora construções como (43) ou (44), que envolvem verbos graduáveis antónimos, a mesma semântica leva à previsão de que tais construções sejam anómalas, como tentarei mostrar. Os verbos envolvidos indicam uma alteração dos valores de uma escala em que um indivíduo é projectado. Por exemplo, o verbo *emagrecer* indica que numa altura um indivíduo é projectado num valor da escala do peso e numa altura posterior é projectado num valor inferior. Indica, portanto, uma perda de peso, enquanto o verbo *engordar* indica um ganho de peso. A frase (44) significa que o peso que a Ana perdeu numa altura é superior ao que

<sup>1</sup> Também envolvem adjectivos antónimos construções de 'comparação de desvio', como a seguinte:

(i) O Paulo é mais alto do que baixo.

Estas construções não são problemáticas para uma semântica de graus, uma vez que não são consideradas escalas inversas. (i) significa que o grau de proximidade da altura do Paulo em relação ao valor padrão de pessoa alta é superior ao grau de proximidade da sua altura em relação ao valor padrão de pessoa baixa.

ganhou noutra altura, envolvendo, portanto, a comparação de duas diferenças de peso. Numa semântica que considere intervalos positivos e negativos, a frase (44) indicará que o intervalo associado a *emagrecer* inclui o intervalo associado a *engordar*, como ilustrado graficamente em (45):



Simplemente, uma vez que *engordar* está associado a um intervalo positivo e *emagrecer* a um intervalo negativo, a intersecção dos dois intervalos é vazia, pelo que a frase (44) – *a Ana emagreceu mais neste último mês do que engordou na gravidez* – deveria ser anómala, à semelhança do que se verifica em construções semelhantes com adjectivos ou advérbios graduáveis antónimos, o que não se verifica. Pelo contrário, numa semântica de graus, construções como (44) não são problemáticas. A frase significará que a diferença entre os graus de peso que a Ana tinha no início e no final da gravidez é inferior à diferença entre os graus de peso que tinha no início e no final do mês a que é feita referência.

Em resumo, uma semântica de intervalos positivos e negativos explica a anomalia de construções com adjectivos ou advérbios graduáveis antónimos como (38) – *o Paulo é mais alto do que a Ana é baixa* – ou (42) – *#o Paulo correu mais depressa do que a Ana correu devagar* – mas leva à previsão errónea de que também são anómalas construções semelhantes com verbos graduáveis antónimos. Por outro lado, uma semântica de graus dá conta do significado de construções como (44) – *a Ana emagreceu mais neste último mês do que engordou na gravidez* –, mas não explica a anomalia de construções como (38) ou (42), pelo que ambas as aproximações têm problemas no que respeita à semântica de palavras antónimas. Assim, coloca-se a hipótese de o contraste entre construções com verbos graduáveis antónimos, por um lado, e construções com adjectivos ou advérbios graduáveis antónimos, por outro, não se dever a razões semânticas, mas sim de outra natureza. Se assim for, uma semântica de intervalos não traz vantagens em relação a uma semântica de graus, já que excluirá, erradamente, construções com verbos graduáveis antónimos. Quanto a uma semântica de graus, permite interpretar este tipo de construção, mas não bloqueia construções semelhantes com adjectivos ou advérbios graduáveis antónimos, as quais serão bloqueadas noutra nível da gramática, restando saber qual.

Como foi observado acima, uma semântica de graus prevê que a construção (38) seja equivalente a (39) e (40):

- (38) #O Paulo é mais alto do que a Ana é baixa.  
 (39) a. O Paulo é mais alto do que a Ana (é).  
       b. O Paulo é mais alto do que a Ana [é alta].  
 (40) a. A Ana é mais baixa do que o Paulo (é).  
       b. A Ana é mais baixa do que o Paulo [é baixo].

Numa semântica de graus, qualquer destes casos expressa uma comparação entre os graus de altura do Paulo e da Ana, indicando que o primeiro é superior ao segundo, o que se verifica na situação representada em (41), em que na primeira alínea está representada a escala associada ao adjectivo *alto* e na segunda a escala associada ao adjectivo *baixo*:

- (41) a.  $0 < \dots < \dots < 1,6 \text{ m} < \dots < 1,7 \text{ m} < \dots < 1,8 \text{ m} < \dots < \infty$   
            $\uparrow \qquad \qquad \qquad \uparrow$   
           A                           P  
            $\downarrow \qquad \qquad \qquad \downarrow$   
       b.  $0 > \dots > \dots > 1,6 \text{ m} > \dots > 1,7 \text{ m} > \dots > 1,8 \text{ m} > \dots > \infty$

Na computação de (39) é considerada apenas a escala indicada em (41a), enquanto o significado de (40) envolve apenas a escala indicada em (41b). Quanto a (38), envolverá a consideração das duas escalas, sendo a primeira necessária para a computação do adjectivo *alto* e a segunda para a computação do adjectivo *baixa*. Ou seja, para a computação desta construção, é necessário considerar duas escalas inversas para que seja obtido o mesmo significado que é expresso pelas construções (39) ou (40), construções que são mais simples de processar porque envolvem a consideração de uma única escala. Assim, construções como (38) envolvem um nível de complexidade de processamento superior ao de construções que têm o mesmo significado. Deste modo, pode-se pensar que a anomalia desse tipo de construção se deve a um princípio geral de evitar redundâncias ou informação não relevante. Numa análise griceana, estas construções seriam anómalas por violarem a Máxima do Modo, de Grice (1975) – “Be brief (avoid unnecessary prolixity)” – ou a Máxima da Relação – “Be relevant” (p. 46). Ou seja, o facto de em construções como (38) serem seleccionados dois adjectivos antónimos em vez de ser considerado um único adjectivo não traz qualquer vantagem informativa, mas introduz um factor de complexidade de processamento. Poderá ser por essa razão que tais construções são anómalas.

## 5. Conclusão

Em conclusão, pode-se considerar que, dos casos apresentados na literatura como favorecendo uma semântica de intervalos, só apresentam problemas a uma semântica de graus as construções que envolvem ‘cross-polar anomaly’, tendo sido colocada a hipótese de que a anomalia destas construções não se deve a razões

semânticas. Numa semântica de graus, esse tipo de construção não tem uma interpretação diferente de construções semelhantes que só envolvem um adjetivo ou um advérbio. Antes concorrem com estas como formas possíveis de expressar o mesmo significado. Uma vez que as formas com membros de pares antónimos são de processamento mais complexo – envolvem a consideração de duas escalas, enquanto as formas concorrentes expressam o mesmo significado com a consideração de uma única escala –, serão excluídas por um princípio geral de evitar informação redundante ou informação que introduza um nível de complexidade desnecessário. Uma opção alternativa, defendida por Kennedy (1997), consiste em considerar uma semântica de intervalos positivos e negativos, que, no que respeita a frases com verbos graduáveis antónimos, não só não daria conta do seu significado como levaria à previsão de que tais construções são anómalas, contrariamente ao que se verifica.

Quanto aos outros argumentos a favor de uma semântica de intervalos, no que respeita às propriedades de monotonia de adjetivos graduáveis antónimos e à (im)possibilidade de nalgumas línguas poderem ocorrer com sintagmas de medida, os dados podem ser igualmente descritos por uma semântica de intervalos ou por uma semântica de graus, como Kennedy (1997) observa. Finalmente, no que respeita a construções comparativas que aparentemente envolvem a consideração de mais de dois graus, foi proposta uma análise que permite descrever essas construções numa semântica de graus, que, contrariamente a análises precedentes, não apela a qualquer mecanismo de elevação de quantificadores.

Assim, não parecem existir argumentos válidos a favor da necessidade de uma semântica de intervalos para construções de grau. Dado que existem construções que dificilmente serão descritas sem apelar à noção de grau, uma semântica de intervalos não dispensa a consideração de graus e não parece trazer qualquer vantagem descritiva.

### Referências:

- BEIL, Franz: 1997, "The Definiteness Effect in Attributive Comparatives", *Proceedings From Semantics and Linguistic Theory VII*, CLC Publications, 37-54.
- BIERWISCH, Manfred: 1988, "Tools and Explanations of Comparison – Part 1", *Journal of Semantics*, 6.1, Oxford University Press, 57-93.
- GRICE, P.: 1975, 'Logic and Conversation', in P. Cole e J. Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 3, Academic Press, New York, pp. 41-58.
- HENDRIKS, Petra: 1995, *Comparatives and Categorical Grammar*, diss. Doutorado, Univ. Groningen.
- KENNEDY, Christopher: 1997, *Projecting the Adjective: The Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*, diss. Doutorado, Univ. Santa Cruz.
- MATOS, Gabriela e Ana Maria Brito (2002), "On the Syntax of Canonical Comparatives in European Portuguese", *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 1, n.º 1, Edições Colibri, 41-81.

- MOLTMANN, Friederike: 1992, *Coordination and Comparatives*, diss. Doutorado, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- SCHWARZSCHILD, Roger e Karina Wilkinson: 2002, "Quantifiers in Comparatives: A Semantics of Degree Based on Intervals", *Natural Language Semantics*, **10.1**, Kluwer Academic Publishers, 1-41.
- SEUREN, Pieter: 1978, "The structure and selection of positive and negative gradable adjectives", in D. Farkas, W. Jacobson e K. Todrys (orgs.), *Papers from the Parasession on the lexicon*, *CLS 14*, Univ. Chicago, 336-346.